

Baixa da cidade de Ponta Delgada praticamente vazia e Tabacarias com forte diminuição de clientes

Dos poucos locais autorizados a estar de portas abertas no estado de emergência, as tabacarias e quiosques estão preocupados com o futuro. Primeiro porque não sabem até quando podem manter-se, depois porque muitas dependem dos artigos que vendem para o turismo.

Ao contrário do que se tem verificado nos últimos dias na baixa de Ponta Delgada em que as ruas estão maioritariamente desertas e apenas os serviços essenciais, como postos de Correios ou serviços da Segurança Social, se encontram com filas de utentes, ontem foi visível mais movimento. Quer por parte de pessoas na rua, maioritariamente com sacos de compras e junto a multibancos, mas também por parte do tráfego automóvel. Não eram apenas carrinhas de distribuição ou de serviços fundamentais que circulavam mas carros particulares com duas ou três pessoas que faziam deslocações pela baixa de Ponta Delgada.

É certo que a esmagadora maioria dos estabelecimentos comerciais estava encerrada e muitos informavam, através de papéis nas portas, o motivo do encerramento. Mas mini-mercados, vendas de flores, frutarias e tabacarias estavam de portas abertas aos “poucos clientes” que vão aparecendo. O maior movimento verificava-se efectivamente junto dos mini-mercados, sem filas à porta, e de onde saíam algumas pessoas com uma pequena quantidade de produtos.

Na Tabacaria Mundial, instalada na rua Machado dos Santos desde 2007, Lídia Sousa está sozinha à espera que clientes que depois foram aparecendo e cumprindo as regras de distância de segurança e esperando vez à porta. Na tabacaria, que também vende jornais, revistas e recordações, Lídia Sousa diz que “há um ou outro que aparece mas as pessoas vêm é trabalhar e se precisam de alguma coisa param”. Mas a empresária diz que “Ponta Delgada parece uma cidade fantasma e deserta porque as pessoas recolheram-se definitivamente em casa e quem vemos nas ruas são as que realmente vão trabalhar”.

Excepção para o dia de ontem, que Lídia Sousa reconhece que “talvez se note mais algum movimento” de viaturas particulares a circular e tem uma possível justificação para este movimento. É que antes de ter sido decretado o estado de emergência a nível nacional, quando na Região se aplicou o estado de contingência, “andava tudo louco em supermercados e em farmácias e era uma confusão total com grandes filas porque as pessoas adquiririam muitos bens”. Mas passadas duas semanas “aqueles mantimentos acabam e provavelmente agora há mais algum movimento de carros porque as pessoas estão a reabastecer-se e a ir ao supermercado e às frutarias”.

Questionada sobre preferência ficar em casa em isolamento profilático ou estar a trabalhar, Lídia Sousa divide-se entre a empresária e a cidadã. Enquanto cidadã, considera importante ficar em casa e alerta que “quem puder que fique em casa” já que “é a única maneira



Lídia Sousa está preocupada com o incerteza do futuro



Carla Silva diz que os clientes nem procuram o café que vende

de tentar travar o surto. Quem tem possibilidade que fique, não venha passear, não vá tomar café porque há pessoas que têm de sair de casa” e não podem ficar em isolamento voluntário em casa.

Já enquanto empresária, “gostava de manter a porta aberta” mas reconhece que não

sabe como vai ser possível. É que apesar de vender jornais e revistas e tabaco “eu vivo do turismo que é quem me mantém a porta aberta o ano inteiro. O que faço de Março até Setembro é o que me aguenta o resto do ano”. Para a empresária “é complicado” entrar diariamente na loja, olhar para as paredes que

estão repletas de produtos “e não saber o que fazer”. E alerta que “há fornecedores, funcionária, renda da loja, finanças para pagar. Manter uma porta aberta não é abrir a porta e espera pelo cliente”, desabafa.

Além disso, a empresária não acredita que todo este isolamento social que tem sido pedido à população para conter o avanço do novo coronavírus seja suficiente. “Depois deste tempo todo em que está tudo fechado, depois vai voltar tudo à normalidade, vão continuar a vir passageiros, a vir turistas, e quem nos garante que após este tempo que esteve tudo fechado vai voltar tudo ao mesmo?”, questiona.

Para já considera uma boa medida não estarem a chegar turistas e as pessoas se mantêm em quarentena em casa, para que se evite o contágio já que “actualmente os casos que existem cá foram pessoas que viajaram ou estiveram em contacto com alguém infectado”. Mas há muita incerteza quanto à capacidade de contenção do vírus Covid-19 e quanto ao futuro, principalmente a como se poderá ajudar os empresários depois desta crise.

Iso mesmo também alerta Carla Silva, que se mantém no Quiosque da Cidade junto ao Tribunal de Ponta Delgada. Ali também além do tabaco e dos jornais e revistas, há café que já antes era servido em copos descartáveis, e muitos artigos relacionados com o turismo.

“Houve uma grande diminuição de clientes”, afirma Carla Silva que diz que “agora já nem procuram tanto o café” que era também um atractivo daquele espaço. Agora são os jornais e o tabaco que são o ponto forte do Quiosque da Cidade, pois “já ninguém quer saber do resto porque é tudo para turistas”, recorda.

Perante tal quebra, que ainda não consegue contabilizar, Carla Silva admite que serão as ajudas do Governo que poderão salvar os negócios que estão encerrados e a sofrer grandes quebras com este estado de emergência. “Acho que vamos precisar de muita ajuda. Temos de ter ajuda porque está tudo fechado ou praticamente parado” e pagar a fornecedores e funcionários não será fácil para os patrões.

Apesar de estar a trabalhar Carla Silva admite que gostava de ter a possibilidade de ficar em casa e fazer o isolamento social recomendado para conter a propagação do vírus. Principalmente porque tem uma filha e é por ela que gostava de ficar em casa. E é por isso que alerta para que “fiquem em casa porque nós que estamos a trabalhar queríamos ficar em casa e não podemos”, conclui.